



MEDIADOR CULTURAL: O MOVIMENTO HIP HOP E A FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA

Flávia Valéria Pereira Quirino¹

RESUMO

O movimento Hip Hop tem configurado espaço de reflexão e transformador social. Este artigo verifica a contribuição do Movimento Hip Hop para a formação da cidadania na zona norte de Palmas, capital do Tocantins. Utilizamos como método de pesquisa o Estudo de Recepção, proposto por Jesus Martín-Barbero, a partir da análise de três espaços de mediação: o seio familiar, o ambiente social, e a competência cultural. Ou seja, o acesso do Hip Hop a outros grupos localizados em regiões afastadas do local pesquisado. O trabalho conclui que o Movimento Hip Hop contribui para a formação social e cultural de quem dele participa.

Palavras-chave: Comunicação, Identidade Cultural, Hip Hop, Cidadania

1.INTRODUÇÃO

A comunicação social contribui diretamente para mudanças sociais, principalmente no que diz respeito à área cultural. E é utilizando deste poder comunicativo, que o movimento Hip Hop expressa através de seus elementos e manifestações artísticas (dança, música e artes visuais) críticas sociais que auxiliam para o despertar de uma consciência cidadã.

Os processos de comunicação ocupam a cada dia um lugar mais estratégico em nossa sociedade. E é usufruindo destas trocas simbólicas e de informação, bem como a busca de afirmação de uma identidade, que possibilitou a expansão da cultura Hip Hop, que adquiriu assim, maior visibilidade e legitimidade na cultura popular brasileira.

O movimento Hip-Hop, composto por quatro elementos - rap, grafite, break e DJ - é, atualmente, uma das mais significativas formas de manifestação artístico-cultural do país, e surge também como ferramenta de comunicação alternativa para comunidades que vivem à margem da sociedade.

Embora, os primeiros passos do Hip-Hop no Brasil tenham sido construídos nas metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, existe uma forte disseminação desta cultura por vários estados brasileiros, inclusive no Tocantins – Estado mais novo do país, criado pela Constituição de 1988 - onde também há reflexos de problemas sociais tais quais nos grandes centros urbanos, como a marginalidade, a existência de favelas e

¹ Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: flaviaquirino@gmail.com

a exclusão social. Na capital, Palmas, não é visível a formação de favelas em morros, no entanto, as zonas periféricas da cidade são planas, em setores excluídos pelos poderes públicos e discriminados pela sociedade. Com subsídios nesta manifestação de protesto que tem modificado os rumos da juventude que reside na periferia dos grandes centros, é que realizamos esta pesquisa buscando analisar como o Movimento Hip Hop contribuiu para a formação da cidadania, na região norte do país e, especificamente na zona norte de Palmas, capital do Tocantins.

2.COMUNICAÇÃO, CULTURA E CIDADANIA

A comunicação é um instrumento mobilizador, disponível para provocar efeitos nos mais diferentes domínios da experiência moderna. E neste sentido, torna-se indispensável para os meios sociais, pois perpetua as mais diferentes formas de interações culturais.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação a partir do século XV, estas experiências e trocas simbólicas tornaram-se mais constantes e irredutíveis. Tornando os indivíduos seres “continuamente envolvidos na comunicação uns com os outros e na troca de informações de conteúdo simbólico” (THOMPSON, 1998, p.24).

Correia (2005) enfatiza que as relações entre o indivíduo e a sociedade dependem cada vez mais da presença de órgãos de comunicação social. Esta mediatização expansiva aliada à “Era da Informação” nos mantêm conectados diariamente ao universo dos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, televisão e Internet), misturando e transformando comportamentos e pensamentos. A sociedade contemporânea é alvo, portanto, de constantes mudanças, tanto no âmbito comunicativo quanto no cultural.

A ruptura das tradições, congregada com o advento da modernidade encaminhou a sociedade para um processo de convergências econômicas, políticas, culturais, comunicativas e sociais, que são perceptíveis já no século XV, quando a Europa se consolidava economicamente e expandia seus espaços territoriais para além dos limites marítimos (THOMPSON, 1998).

A colonização europeia na América devorou “canibalisticamente” a essência e identidade cultural que existia no chamado “Novo Mundo” removendo traços que legitimavam a cultura dos povos nativos. A identidade do outro era negada pelo simples fato de não corresponder às identidades hegemônicas da modernidade em construção: indivíduo e Estado (SANTOS, 2006). Na América Latina, especificamente no Brasil, a

colonização se instaurou por meio de um “assalto militar”, realizado pelos portugueses sobre as populações indígenas. Assim, o primeiro momento da brasilidade e da conseguinte “identidade nacional” é marcado pelo autoritarismo. Impondo sobre os colonizados “o domínio do imaginário cristão medieval e da ordem política patrimonial, de que Portugal era herdeiro legítimo, sobre a cultura local” (BURITY, 2002, p.90).

O Brasil foi condicionado, portanto, a uma colonização que desencadeou grandes mazelas sociais que ainda se refletem na atualidade. A luta por melhorias na qualidade de vida daqueles que foram excluídos do processo de “desenvolvimento” influenciou o surgimento dos movimentos sociais, que representam em sua amplitude a luta pelo direito do exercício da cidadania.

Para Santos (2006, p.261) os protagonistas destas lutas não são as classes sociais, mas grupos sociais, ora maiores, ora menores que classes, com vista nos interesses coletivos, “por vezes muito localizados, mas potencialmente universalizáveis”.

No Brasil, os movimentos sociais buscam além das necessidades básicas, o direito ao exercício da cidadania, denominada por Santos (2006, p.243) de “cidadania social”, que é “a conquista de significativos direitos sociais, no domínio das relações de trabalho, da segurança social, da saúde, da educação e da habitação”.

Santos (2006) afirma ainda que os movimentos sociais da contemporaneidade representam a afirmação da identidade perante a cidadania. E é a afirmação destas identidades étnicas, raciais e religiosas, deslocadas pela globalização, que buscam os movimentos sociais. Os movimentos negro e feminista podem caracterizar estas lutas no Brasil por uma igualdade de direitos e exercício da cidadania. Esta conquista da cidadania significa “a passagem de súditos para cidadãos, dentro de um arcabouço social que requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se seu *status de cidadão* à qualidade da participação” (PERUZZO, 2002).

Paralelo, aos movimentos sociais da década de 70, que reivindicavam uma representação mais política que social, o século XX permitiu o surgimento de um dos grandes movimentos sociais da atualidade: o Movimento Hip Hop, que agrega jovens da periferia brasileira, por meios de suas manifestações artísticas e culturais, a um despertar da consciência cidadã.

Desde a “abolição da escravatura”, em 1888, com a Lei Áurea promulgada pela princesa Isabel, o negro vem buscando alternativas de sobrevivência e de estabilidade social. Sem espaço nos grandes centros urbanos ficaram à margem da sociedade, e

criaram formas de expressar sua revolta e esperança por uma melhoria da qualidade de vida, em suas manifestações artísticas-culturais, como, por exemplo, a música e a dança.

E é como um movimento social motivado pelas desigualdades culturais, sociais e políticas, trazendo em sua essência a contestação social por meio de suas manifestações artísticas, que o Hip Hop vem transcendendo barreiras culturais e midiáticas.

Formado pela fusão de diferentes elementos culturais, como religião, raça, etnia, entre outros elementos que constituem os valores de uma sociedade o Hip Hop, pode ser caracterizado como uma cultura urbana que tece em seu contexto intrínseco uma identidade cultural proveniente de uma cultura híbrida, que se modifica e sofre constantes transformações.

Para Canclini (2006, p. 290) “como quase tudo na cidade ‘acontece’ porque a mídia o diz e como parece que ocorre como a mídia quer”, as culturas urbanas surgem para acentuar a mediatização social, o peso das encenações e, por fim, das ações políticas.

2.1 Hip Hop Tupiniquim

Com indícios de surgimento no início da década de 60, na Jamaica, o Hip Hop é composto por quatro elementos que tem em si grande envergadura política, são eles: o rap, DJ, grafite e break. Juntos estes elementos propagam e disseminam os ideais do Hip Hop à margem dos grandes conglomerados de comunicação de massa, e denunciam as injustiças sociais, protestam contra as mazelas da sociedade capitalista e resgatam jovens da criminalidade.

Para Tavares (2004) o Hip Hop representa a nova lírica da resistência na diáspora africana, que contém práticas comunicativas que se transformam em formas de vida, “isto é, traços que reproduzem determinados padrões emanados das experiências de confronto pelo reconhecimento”. Assim, o movimento Hip Hop é a conexão de processos comunicativos, que surgiu proveniente da fusão entre a música jamaicana, a dança porto-riquenha e a vontade dos afro-americanos e latinos norte-americanos de transformarem suas realidades por meio do comprometimento social.

Cada um dos quatro elementos do movimento Hip Hop é cercado de representatividade e, significados.

O Rap (rythm and poetry – ritmo e poesia) é o veículo mais imediato e mais dinâmico de informação e formação de consciências do Hip Hop. E pode ser

considerado o principal elemento do Movimento pelo seu efeito aglutinador. É através dele que o MC (Mestre de Cerimônias) canta e enfoca em suas letras o cotidiano conturbado dos subúrbios. Essa musicalidade é comandada pelo DJ (Disk Jôquei) que manipula todo o som do rap através da pick-up (mesa de toca discos de vinil). Já o Break está fortemente ligado às raízes latinas, e recebeu contribuições de diversas culturas, como por exemplo, a capoeira, artes marciais, ginástica artística, sapateado e a black music. O grafitti, por sua vez, configura o elemento visual do movimento Hip Hop. “É uma mistura de protesto com estética, artes plásticas com ilegalidade, galeria com rua” (REVISTA CAROS AMIGOS²). O grafite é uma arte visual da contemporaneidade, no entanto, já foi e ainda é confundido com a pichação.

Entre estes quatro elementos do Hip Hop existem grandes diferenças, porém todos têm um objetivo comum: a transmissão de uma mensagem consciente, relacionada com a realidade vivida em seu meio de origem.

No Brasil, a nova cultura surge em meados da década de 80 e, logo ganhou características próprias e ousadas com a influência de ritmos e danças já existentes por aqui se diferenciando cada vez mais do estilo americano.

Apesar de existir uma tendência de apropriação de alguns símbolos de uma cultura negra internacionalizada – como as roupas – dando a impressão de um movimento universalmente mais uniforme, as muitas diferenças que separam brasileiros e norte-americanos ajudam a determinar, no Brasil, um Hip Hop diferenciado (SOUZA, 2006, p.39).

Para o rapper MV Bill (RAP BRASIL) o Movimento “é a única forma musical a mexer em assuntos considerados polêmicos no Brasil; é a única a demonstrar a preocupação social, e tem tirado vários jovens da invisibilidade sem a necessidade de um delito”. O Hip Hop brasileiro é o exemplo ímpar no mundo de movimento jovem atuante e militante pela causa da condição humana e é responsável pela ressocialização de diversos adolescentes no Brasil (RICHARD, 2005).

O direito à cidadania é perseguido pelos praticantes e adeptos da cultura Hip Hop e, é no âmbito da educação informal que se mantém estas relações entre comunicação e educação no processo de conquista da cidadania através dos movimentos populares, comunitários e das demais organizações que tenham como estratégia os interesses coletivos. Através de ações e atividades que buscam a inserção do jovem para a formação da cidadania, o Hip Hop utiliza sua própria linguagem e expressão cultural

² Edição especial da Revista Caros Amigos sobre Hip Hop, 2005, P.31

para chamar a atenção de uma juventude que às vezes parece apática frente às injustiças sociais.

Embora, o “centro” desta cultura no Brasil, esteja enraizado em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, é perceptível sua influência de Norte a Sul do país, onde é notável a imensa quantidade de adeptos, simpatizantes e militantes, que buscam na raiz do movimento a resposta para suas angústias sociais. E este, é o caso de Palmas, capital do Tocantins, que mesmo com apenas 18 anos, também já possui sua história com o movimento Hip Hop.

De acordo com Souza (2006) o movimento começou em Palmas no ano de 1996, na região Norte, onde existe a maior concentração dos grupos de Hip Hop representando 69%, enquanto na região Sul este percentual é de apenas 31% - ambas possuem uma história semelhante de invasão habitacional às margens do centro da cidade.

No entanto, é em 1998 que o Hip Hop começa a se solidificar. “Atualmente, existem 19 grupos do gênero em Palmas”.

Grupos como Fisionomia do Rap, IMLL (Irmãos Lado a Lado), Testemunho das Ruas, Atitude das Ruas, Rock Jr. e MC's, Sombras do Hip Hop, Das Antigas, Sabedoria Divina, Versos das Ruas, entre outros atuam na cidade. Eles participam de apresentações, feiras e seminários mostrando as músicas, as mensagens que protestam contra a violência e a injustiça (SOUZA, 2006, p. 43).

“O Movimento começou aqui na zona norte, em meados dos anos 90. Existiam muitos adeptos, mas a maioria ficava escondida, ensaiando em casa mesmo, não tinha uma integração. Depois começamos a organizar apresentações” afirma Marcos Vinícius³, o MC Markim das Antigas, um dos primeiros rapper's da área Norte.

Na zona norte de Palmas é aonde eu vivo, no meio do descaso criado pelos políticos/ aqui o crack tá matando/ o diabo comemora o aumento do consumo e tráfico de drogas/ olhe o cigarro e a bebida exposta no bar, qual é a finalidade? Eu vou te explicar/ vendidos pra menor, consentimento do governo/ crianças morrendo com o cigarro no meio dos dedos, estamos perdendo nossa própria identidade/ você queira ou não essa é a nossa realidade/ o sofrimento não dá trégua é de janeiro a janeiro/ é tanta covardia eu não consigo entender/ posto de saúde sem médico/ eu te pergunto por que?/ nós estamos morrendo, sociedade não se incomoda/ Arno 31 é meu lugar, minha quebrada de rocha/ é só idéia sadia que eu mando pra vocês, me chamo JC sou um cara realista/ não quero que você mate e nem perda sua vida/ que haja mais justiça e menos criminalidade/ o rap é compromisso eternamente Sabotage/ o respeito prevalece em qualquer situação/ saudades dos que morreram na vila união [...].⁴ (Sic)

³ Entrevista concedida em 18 de junho de 2007.

⁴ Letra do rap Vou te explicar, compositor: MC JC. Ainda não está disponível em CD.

Mesmo sendo um movimento recente na Capital demonstra formas de organização e, já é perceptível os resultados alcançados com a conscientização da cidadania e da solidariedade, apoiada na busca pelos direitos de igualdade. Como por exemplo, as aulas de break ministrada pelo professor Robson, que há mais 10 anos está no movimento, e é respeitado na comunidade pelo trabalho que desenvolve com adolescentes. Cerca de 60 jovens, com idades entre 12 a 19 anos, participam das aulas que acontecem nos finais de semana, no Colégio Estadual Criança Esperança, localizada na zona norte.

O Hip Hop pode mudar muitas coisas, impossibilita a entrada das crianças na marginalidade. E a questão do envolvimento no crime é algo muito discutido no Movimento. O Hip Hop pode mudar a vida de qualquer um, mas a pessoa tem que querer porque ele não faz milagre. [...] Estas aulas são importantes porque hoje em dia as crianças são muito influenciadas pelos outros e é uma forma de mantê-las com a mente ocupada. Busco oferecer melhores condições de vida para elas, não pretendo que queiram sobreviver do Hip Hop, mas que com esse engajamento possam pelo menos se movimentar, que possam crescer enquanto seres humanos. Me dedico de corpo e alma a esse trabalho, e tenho a parceria da comunidade e dos pais, porque cada aluno que tenho os pais têm conhecimento disso. Pretendo com o Hip Hop mostrar pra sociedade que a gente existe. (ROBSON)⁵. (Sic)

No entanto, mesmo com os projetos sociais desenvolvidos, os adeptos do Hip Hop ainda enfrentam o preconceito e discriminação. De acordo com Mc Markim, as pessoas são ainda muito manipuladas pelos meios de comunicação que marginalizam o Movimento. “Acho que todo mundo que mora na periferia e que é adepto e militante do Hip Hop já sofreu ou sofre com o preconceito. O povo é muito manipulado pela TV. Se passa (na TV) lá que é bom, eles acham bom. Se passa que é ruim eles acham ruim”.

Para Mc JC⁶ as pessoas ainda acham que quem canta rap é ladrão e não têm honestidade.

Consegui provar o contrário pras pessoas que tinham preconceito. A forma como o Hip Hop fala incomoda muita gente, porque fala da realidade. Sou órfão de pai e mãe e minha família é muito dispersa. Os mais velhos não entendem e têm pouco contato com o movimento, um pouco de preconceito também porque acham que é coisa de mala. Mas, os mais jovens gostam e apóiam. (Sic)

⁵ Entrevista concedida em 17 de junho de 2007.

⁶ Entrevista concedida em 19 de junho de 2007.

Mas às vezes na própria comunidade já acontece diferente. “Ela já reconhece os artistas que têm, e isso é muito bom pra questão da auto-estima. As pessoas se identificam com o nosso trabalho e temos a confiança deles” explica Marques Pereira⁷, o Manim, que é b-boy há 10 anos.

É na comunidade que existe o reconhecimento e a valorização deste movimento que surgiu para mudar as estruturas dos jovens da periferia.

Minha visão do mundo e minha conduta foram mudadas pelo Hip Hop. Além da fé em Deus o que me tirou do álcool, e das drogas foi o rap. Se não fosse o Movimento hoje poderia estar preso. Outra coisa que mudou foi em relação aos estudos antes eu estudava não para um fim, eu nem gostava de estudar, não tinha objetivo. Hoje eu tenho. (Mc PRK⁸) (Sic)

Como movimento que expressa os anseios de uma juventude, na maioria das vezes marginalizada, o Hip Hop surge como opção de transformação. Esta conscientização só ocorre devido à troca de informações e conseqüentemente de um processo comunicativo, onde o receptor reage de forma participativa à mensagem do emissor.

Os movimentos sociais permitem a visibilidade desta mediação, que transpassa e ultrapassa os limites dos meios de comunicação de massa, indo desaguar no sistema social como um todo. Portanto, ao invés de realizar uma pesquisa partindo das análises lógicas de “produção e recepção”, propõe-se uma análise a partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural do movimento Hip Hop, partindo dos seguintes lugares de mediação classificados por Barbero (2006): competência cultural, temporalidade social e cotidianidade familiar.

3. MEDIAÇÃO CULTURAL

Para o antropólogo Júlio César de Tavares (2004) a expansão do movimento Hip-Hop promove “uma profunda interferência na consciência da juventude, à medida que estimula a solidariedade, a autoconfiança e a disseminação da consciência racial e social”.

A difusão e autopropagação do Hip-Hop sem a contribuição de veículos de comunicação de massa passaram a ser alvo de interesse para estes mesmos meios.

⁷ Entrevista concedida em 17 de junho de 2007.

⁸ Entrevista concedida em 18 de junho de 2007.

Podemos então observar que ao ingressar em outras classes sociais o Hip Hop demonstra que sua competência cultural é uma competência comunicativa. Através de suas expressões, o jovem constrói sua identidade cultural perante a sociedade de seu entorno e alcança reconhecimento por parte de grupos sociais de outras classes.

A galera viu que não ia dá conta de conter a explosão do Hip Hop, principalmente por conta do rap. O Hip Hop veio pra mostrar a realidade. É um espaço conquistado. O som saiu da periferia e foi pra outros lugares. Mostra os problemas que vivemos aqui. Tem muita gente de fora que gosta de rap, de break de graffiti. (Mc PRK) (Sic)

Os elementos do Hip Hop constituem um mundo longínquo de outras camadas sociais de Palmas. A apropriação desta cultura por outras classes ou até mesmo a empatia, justificam a revolução artística e cultural do Movimento. O Hip Hop exprime, portanto, um certo reconhecimento cultural por meio de grupos que não configuram seu espaço de origem. Pluralizando ainda mais seus espaços de recepção.

De acordo com Barbero (2006, p. 302) este âmbito de recepção permite pensar ainda mais os distintos tipos de competência comunicativa enquanto “ativação ou freio da participação social, questão fundamental para uma política democrática dos meios, e que não consiste somente na democratização de seu controle, mas também na democratização de seu uso”. E este papel que o Hip Hop tem desempenhado na sociedade apesar de constituir um retrato do cotidiano periférico ele ativa esta participação social que vai além de seu círculo habitual.

Enquanto uma determinada classe social pede “informação apenas à televisão, porque vai buscar em outra parte o entretenimento e a cultura – no esporte, no teatro, no livro e no concerto” a maioria das pessoas que residem na periferia busca tudo isso através do Hip Hop, justamente por este possuir uma linguagem adequada ao seu meio social (BARBERO, 2006, p. 303).

A temporalidade social investigada no Movimento Hip Hop, refere-se não ao tempo produtivo, valorizado pelo capital, mas sim ao tempo social. Em Palmas, o movimento Hip Hop, como em outros centros urbanos, tem no tempo em que os jovens se dedicam ao Hip Hop, um tempo cotidiano produtivo, que os afastam das drogas, do crime e os incitam à participação favorecendo a afirmação social enquanto sujeitos de suas próprias realidades.

Eu andava muito de skate e a galera ouvia rap e hardcore. Daí me identifiquei mais com o rap e passei a curtir. O rap era mais da rua, falava muito sobre o dia-a-dia, tinha músicas que eu achava que eram feitas pra mim porque retratavam meu cotidiano. E essa identificação acontecia com todo mundo. As vezes estava num lugar aí cada um dizia: toca aí a minha música! Entrei pro rap através do MC Júnior, ele que iniciou o movimento aqui em Palmas, éramos muito amigos e só andávamos juntos. Daí um dia ele perguntou se eu queria cantar e tal, isso foi em 98. Ele me deu uma música e comecei a ensaiar em casa. Nisso eu já sabia o que era o Hip Hop e já tinha interesse e curiosidade sobre o movimento. [...] Hoje eu vivo o Hip Hop intensamente. Acordo e logo pela manhã já começo ouvir rap e assim o dia inteiro (Mc PRK)

A família é o espaço das relações estreitas e da proximidade. A cotidianidade familiar é ao mesmo tempo “um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações” (DURHAM apud BARBERO, 2006, p.295). O Hip Hop possui um discurso que familiariza e aproxima, permitindo maior transparência por possuir linguagem simples e direta em suas mensagens.

Para identificarmos a cotidianidade familiar no Movimento Hip Hop, na zona Norte de Palmas, entrevistamos Maria Francisca Nascimento⁹, 47 anos, empregada doméstica, mãe do rapper PRK.

[...] Na adolescência ele me dava muito trabalho, andava em companhias erradas. Sumia de casa e não dava notícias. Sempre cuidei muito bem dele, mas eu tinha que trabalhar e estudar e fiquei um pouco ausente. [...] Eu e ele somos muito amigos. [...] Quem levou ele pro Hip Hop foi um amigo dele que já faleceu o Júnior. Daí depois de uns cinco anos pra cá é que começou a levar a sério mesmo e esse engajamento tirou ele do caminho errado. [...] Tem muita gente que tem preconceito e acha que o Hip Hop é coisa de mala, mas não é assim. Tirou meu filho das drogas.[...] Gosto do Hip Hop, gosto muito. E gosto de ouvir rap, porque fala muito da realidade. E comecei a gostar por causa do meu filho. Ouço muito rap quando ele não está em casa também. Gosto muito do DJ Alpiste e do MV Bill, estes são os meus preferidos. (Sic)

Como o Hip Hop é um movimento contestador e quem em si está intrínseco uma mudança comportamental. Podemos observar, então, que é no seio familiar que estas mudanças se acentuam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁹ Entrevista concedida em 20 de junho de 2007.

Por meio de suas manifestações artísticas e culturais o movimento Hip-Hop surge então, como um direito de voz, de ser ouvido, de se comunicar através da dança, da música e das artes visuais. É um instrumento de transformação e de educação social. Uma cultura urbana nascida às margens de uma sociedade excludente, mas que persiste em suas lutas sociais e desperta a consciência cidadã de seus adeptos e simpatizantes revolucionando pensamentos e atitudes.

Apesar da incipiência da cultura Hip Hop em Palmas, ao analisarmos a formação da consciência cidadã na zona norte, podemos observar que os ideais de transformação social e de despertar desta consciência são exercidos fielmente pelos seus militantes, que enxergam no movimento um meio de vida e de “soberania” social e cultural.

É na temporalidade social, na vivência da cultura Hip Hop, que se formam os ideais de luta por uma sociedade mais justa destes jovens que a partir de então, se percebem como atores, como sujeitos sociais de uma realidade passível de transformações.

O Movimento Hip Hop relata uma realidade não muito distante e retrata um Brasil que pode ser observado a olho nu, e é isto que faz com que ele rompa as barreiras da periferia e ecoe por outros muros sociais. Este processo é a chamada competência cultural e comunicativa do Hip Hop, pois através de sua arte visual, da dança e da música consegue se fazer ouvir e ser percebido pelos demais atores sociais que figuram outros espaços fronteiriços da sociedade.

Enquanto a sociedade segue apática observando o caos para qual caminha, o Hip Hop denuncia, protesta e incomoda.

Palmas Tocantins, assim começa a minha carta pedindo proteção pra toda rapaziada/ a malandragem anda solta e a bandidagem também/ eu peço proteção, mas eu não acho ninguém/ todo mundo vai embora da cidade pode crer/ e quem vive na favela não sabe o que fazer/ mas eu já me acostumei com tudo isso aqui/ nem tudo estar perdido você pode acreditar vamos pedir proteção a quem no céu está/ [...] os que moram na favela não são respeitados/ escute o meu conselho escute o meu recado, pois aí chegado eu ainda não falei, mas eu vou te falar quem vai te proteger não sou eu/ é melhor você pedir a proteção de Deus pode crer [...] ¹⁰. (Sic)

A periferia segue sangrando e a cultura Hip Hop transcende as perspectivas da sociedade caracterizando-se como um articulador social em prol dos direitos da

¹⁰ Letra do rap Pedindo proteção/ compositor: Mc Taíke. Ainda não disponível em Cd.

cidadania, e principalmente dos direitos de exercer a Cidadania Cultural: a cultura como direito dos cidadãos e como trabalho de criação dos sujeitos culturais (CHAUI, 2006).

O Hip-Hop é, pois, uma cultura de resistência, de afirmação de identidade, é um caminho alternativo para o despertar da consciência; é o que ninguém quer ver e ouvir, justamente por falar da realidade do que acontece às margens da sociedade. Por isso, o movimento produz não apenas conexões musicais, mas ajuda a construir novos olhares e cenários no Brasil.

5. BIBLIOGRAFIA

BARBERO, Jesus – Martín. Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia/ 4ª Edição – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

BURITY, Joanildo A.. Cultura e Identidade: perspectivas Interdisciplinares/ Joanildo A. Burity (org) 1ª Edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2002. .

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas/ 4ª Edição – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CHAUI, Marilena. Cidadania Cultural: O Direito A Cultura/ 1ª Edição – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 65-102.

CORREIA, João Carlos. Sociedade e Comunicação: Estudos sobre jornalismo e identidades/ Série – Estudos em Comunicação: Universidade da Beira Interior – Portugal, 2005. Disponível em: <
http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/fichas/ficha_correia_sociedade_comunicacao.html > Acesso em: 03 ago. 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade/ 10ª edição – Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Pesquisa em Comunicação/ 6ª edição – São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação nos Movimentos Populares: A participação na construção da cidadania/ 3ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Artigo: Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. Publicado em 2002. Disponível em: <
<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm> >. Acesso em: 20 abr. 2006.

RICHARD, Big. Hip Hop: Consciência e Atitude. 1ª Edição – Livro Pronto: São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Comunicação e Cultura: A experiência Cultural na Era da Informação/ 2ª Edição – Editorial Presença: Lisboa, Portugal, 1999, p. 13-34;194-199.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade/ 11ª Edição – São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Rose Mara Vidal de. Cultura Hip Hop - Identidade e Sociabilidade: Estudo de Caso do Movimento em Palmas. Palmas: UFT, 2006.

TAVARES, Júlio César de. Artigo: Atitude, Crítica Social e Cultura Hip-Hop: A Face Afrodescendente dos Intelectuais Público Brasileiro, publicado em 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm>>. Acessado em: 25/06/2005.

THOMPSON, John B. A Mídia E A Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia/ 7ª Edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.